

MALETA DE LEITURA: "AS AVENTURAS DE BOB: APRENDENDO E SE DIVERTINDO COM A LEITURA"

4. Educação de qualidade: Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos

Daniela da Silva Teodoro de Castro (Universidade de Taubaté – UNITAU)

Professora Doutora Fabrina Moreira Silva (Universidade de Taubaté – UNITAU)

Resumo: O presente projeto, intitulado “Maleta de leitura: a viagem literária de Bob: Aprendendo e se divertindo com a leitura”, vincula-se à área de concentração em “formação docente para educação básica”, dentro da linha de pesquisa “Formação Docente e Desenvolvimento Profissional”, do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. O objetivo geral é desenvolver e aplicar uma metodologia ativa para incentivar a leitura dos alunos, assim como incentivar os professores através da replicabilidade da prática. A pesquisa analisa os processos de alfabetização, visando compreender a importância da ludicidade como uma ferramenta de aprimoramento, dando ênfase a leitura. A pesquisa seguiu a abordagem da revisão integrativa de literatura, de natureza descritiva, com abordagem qualitativa, de artigos nacionais e internacionais, de modo a embasar a importância da ludicidade, metodologias ativas. Na segunda parte da presente pesquisa de trabalho, desenvolveu o projeto denominado “As aventuras de BOB”, que por meio da pesquisa de campo buscou aplicar e avaliar o projeto com a maleta. O primeiro passo foi investigar os gêneros textuais abordados no currículo de 2024 para o 2º ano. Em seguida, buscou-se a melhor forma de seleção desses gêneros. Nasceu assim a ideia de criar uma maleta didática em forma de cachorro, similar a um pug, que abrigaria todos os gêneros literários. Espera-se com o resultado da pesquisa, atender ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável de nº 4, que visa assegurar uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem para todos, já que o projeto “As Aventuras de Bob” se apresenta como uma proposta transformadora para o incentivo à leitura, unindo elementos lúdicos e pedagógicos. O projeto busca transformar a relação das crianças com a leitura, fomentando o desenvolvimento de habilidades essenciais para sua formação integral. Referente a conclusão da pesquisa, com seu findar espera-se uma transformação na relação das crianças com a leitura, fomentando o desenvolvimento de habilidades essenciais para sua formação integral.

Palavras-chaves: Metodologia Ativa; Projeto Literário; Leitura; Ludicidade; Inovação pedagógica.

Introdução

O presente artigo analisa os processos de alfabetização, visando compreender a importância da ludicidade como uma ferramenta de aprimoramento ao aluno, dando uma grande importância a leitura. O artigo está vinculado à linha de pesquisa “formação docente para educação básica” do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté.

A escolha do tema “Ludicidade no processo da leitura”, relaciona-se com inúmeras inquietudes em relação a falta de acervo e disponibilidade fora da escola para alguns alunos a respeito da leitura, contudo a que mais chama a atenção é a questão da ludicidade, e esse termo relacionado a leitura, conseqüentemente a alfabetização.

Com o presente artigo, espera-se garantir ao leitor a elucidação de novos caminhos e pensamentos que venham contribuir no processo da leitura, que contribuirá para alfabetização, já que a 9ª meta do Plano Nacional de Educação (PNE) prevê o seguinte:

META 9 – Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional (Brasil, 2001 *apud* Ministério da Educação, 2014, p. 11).

A nível de experiência educacional enquanto pesquisador na área, é comum deparar-se com situações complexas na área da Educação Infantil, como os alunos chorando incansavelmente pelo sinal de final de aula, já que os mesmos apreciavam as aulas. Houve a capacidade de desenvolvimento de um clima acolhedor, e o acolhimento é um indicador de trabalho de excelência.

No contexto de uma sala de 2º ano do ensino fundamental I em 2024, percebe-se a necessidade de reflexão em relação as práticas pedagógicas, a garantia aos alunos em relação ao acesso a leitura, mais especificamente o “canto de leitura”, permitindo que as crianças tenham contato e levem para a casa um livro selecionado. Entretanto, percebe-se também que esta abordagem carecia da dinamicidade que apenas a ludicidade pode oferecer, o que é fundamental na fase de alfabetização.

Surge então a questão: seria possível cativar os alunos por meio de um universo mágico proporcionado pela leitura? Como encaixar na prática? Desenvolveu-

se um projeto de metodologia ativa¹, de aplicabilidade aos alunos de 2º ano do ensino fundamental, denominado “As aventuras de Bob”, consistindo em uma maleta lúdica contendo um fantoche, um caderno de registros e exemplares de cada gênero literário.

O objetivo geral é desenvolver e aplicar uma metodologia ativa para incentivar a leitura dos alunos. E como consequência, incentivar os professores através da replicabilidade dessa prática. Espera-se que este material inspire inovação e criatividade, contribuindo para o processo de alfabetização e para o desenvolvimento da leitura das crianças.

Revisão de literatura

A análise sobre o impacto da tecnologia no universo infantil é fundamental para entendermos os desafios que enfrentamos na educação contemporânea. Com as crianças cada vez mais imersas nas telas de dispositivos eletrônicos, observamos uma diminuição do interesse por livros e pela cultura literária. Essa realidade é especialmente desafiadora para crianças em situação de vulnerabilidade social, que muitas vezes têm acesso limitado a um acervo de livros.

Cabe à escola suprir essa lacuna, oferecendo uma rica bagagem cultural que faça sentido para os alunos e desperte seu interesse. O papel do professor é crucial nesse processo; sua atitude, energia e criatividade moldam o ambiente de aprendizagem. Quando um educador demonstra entusiasmo e compromisso com um trabalho diversificado, é natural que os alunos respondam positivamente, engajando-se nas atividades propostas.

O exercício mental que pensamos ao relacionarmos a escola com o mar e a sala de aula como um navio é ilustrativa: o professor é o capitão que deve saber navegar, lidando com os desafios e orientando os alunos - os tripulantes - em direção ao aprendizado e ao desenvolvimento. Se o professor não estiver preparado, se não souber utilizar os recursos disponíveis devidamente, a jornada pode se tornar um fracasso, prejudicando a formação dos alunos.

¹ Pereira (2012) explica que a Metodologia Ativa é um processo que organiza as estratégias didáticas, centrando o processo no aluno, contrariando assim o uso exclusivo do intelectual do docente e representação dos livros didáticos como as fontes de saber exclusivas.

Como destaca Berbel (2011), a educação não deve reduzir o aluno a um mero espectador. É essencial que a escola fomente a capacidade de pensamento crítico e a autonomia dos estudantes, permitindo que eles desenvolvam uma formação integral. O papel do professor é, portanto, guiar os alunos, proporcionando um ambiente propício à exploração e à reflexão, ao invés de controlá-los como marionetes. Isso implica que, para que os alunos se tornem pensadores autônomos e críticos, o educador precisa adotar uma postura que valorize a participação ativa, o diálogo e a construção conjunta do conhecimento.

Assim, ao refletirmos sobre as práticas pedagógicas atuais, devemos buscar formas de investir novos conhecimentos de maneira que complemente e enriqueça a presença dos livros e da cultura literária, sempre mantendo o foco na formação integral dos alunos. A parceria entre professores engajados e alunos motivados é a chave para navegar por esse mar de conhecimentos e alcançar a “ilha do tesouro” da educação.

Nesse contexto a autora traz uma discussão muito coerente entre escola X professor, pois o mesmo pode contribuir para autonomia, que é o governo de pensamentos por si mesmo, ou o controle, onde os alunos se tornam marionetes e são extremamente guiados.

Na escola, o professor é o grande intermediador desse trabalho, e ele tanto pode contribuir para a promoção de autonomia dos alunos como para a manutenção de comportamentos de controle sobre os mesmos. Encontramos para a palavra Autonomia (2010), no dicionário Michaelis, os seguintes significados: “1 Qualidade ou estado de autônomo. 2 Sociol e Polít Autodeterminação político-administrativa de que podem gozar, relativamente, grupos (partidos, sindicatos, corporações, cooperativas etc.), em relação ao país ou comunidade política dos quais fazem parte. 3 Liberdade moral ou intelectual”. Embora ligado à área da sociologia e da política, esse dicionário apresenta o termo autodeterminação, que é utilizado pela psicologia de modo associado com os conceitos de motivação e autonomia (Berbel, 2011, p.26)

Percebe-se que, segundo Berbel (2011), a autonomia proporciona aos alunos um espaço para desenvolverem sua criatividade, o que os leva a encontrar soluções eficazes para problemas complexos, alcançando resultados positivos através do uso de estratégias que lhes despertam prazer. Em contrapartida, a sensação de controle, imposta por uma abordagem pedagógica centrada em notas e punições, resulta em desmotivação, evasão escolar e falta de interesse por parte dos estudantes.

Por outra perspectiva, entendemos a importância para com a seleção de metodologias, em especial quanto ao que se trata das metodologias ativas em relação ao aprendizado dos alunos neste contexto, a demanda por ludicidade e autonomia.

METODOLOGIAS ATIVAS

É fato que, segundo a literatura de Berbel (2021), o uso de metodologias ativas fortalece a autonomia dos alunos em relação às propostas educacionais do professor. A postura do educador diante do conteúdo a ser abordado exerce um impacto significativo, podendo despertar no estudante a curiosidade e o desejo de aprofundar seu conhecimento. Assim, o professor facilita o percurso dos processos de ensino e aprendizagem.

O engajamento do aluno, quando motivado e reflexivo, ao interagir com as informações, amplia as possibilidades de aquisição de novos saberes. Esse processo se concretiza na experiência vivencial, que enriquece o aprendizado e a formação integral do estudante. Berbel (2011) apresenta as valiosas contribuições do renomado filósofo John Dewey, que criticava o sistema educacional da época por propiciar a obediência e a submissão.

Pereira, Martins, Alves e Delgado (2009) salientam que, nas décadas de XIX e XX, John Dewey se destacou como um revolucionário em um contexto dominado pela burguesia americana, onde a educação era marcado por um tecnicismo exacerbado e priorizava métodos de memorização. Dewey introduziu novas abordagens que culminaram na criação da "Escola Nova", uma alternativa ao ensino tradicional, que buscava valorizar as singularidades e as qualidades de cada indivíduo.

Nascimento e Silva (2012) explicam que para Dewey, a educação deve estar centrada no desenvolvimento do pensamento crítico, na capacidade de reflexão e na liberdade, visando sempre o progresso do conhecimento pedagógico. Ele não diminuía a importância do papel do professor, que deveria estar presente como um facilitador das experiências de aprendizagem.

O entusiasmo de Dewey por reformar a educação pode ser atribuído, em parte, à sua própria experiência escolar, que, em sua infância, se revelava extremamente desinteressante e desmotivadora. Contrariamente à educação formal, sua mãe implementou em casa métodos mais eficazes de ensino, o que o influenciou

profundamente. Crescendo nesse ambiente estimulante, Nascimento e Silva (2012) indicam que Dewey se tornou um grande filósofo, apoiando-se em estudos de pensadores como Darwin e Kant.

Os autores apontam que o movimento da Escola Nova quebra o modelo educacional tradicional; no entanto, essa transição não se revela simples na prática. Isso se deve ao fato de que os profissionais da educação devem abandonar suas práticas tecnicistas. Para Dewey, a educação deve promover a investigação e suscitar questionamentos, de modo a propiciar a aquisição de novos conhecimentos.

Nesta visão educativa, ele propõe ainda, que a aprendizagem seja instigada através de problemas ou situações que procuram de uma forma intencional gerar dúvidas, desequilíbrios ou perturbações intelectuais. O método "dos problemas" valoriza experiências concretas e problematizadoras, com forte motivação prática e estímulo cognitivo para possibilitar escolhas e soluções criativas. Que neste caso leva o aluno a uma aprendizagem significativa, pois o mesmo utiliza diferentes processos mentais (capacidade de levantar hipóteses, comparar, analisar, interpretar, avaliar), de desenvolver a capacidade de assumir responsabilidade por sua formação. (Pereira, Martins, Alves & Delgado (2009) p. 158)

Essa abordagem exige que o professor saia de sua zona de conforto, pois ele deve se engajar em novas práticas que envolvem pesquisa e a facilitação de atividades inovadoras para os alunos. Dewey acreditava que o educador precisa adotar uma nova postura, tornando-se um pesquisador que reflete sobre o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, Pereira, Martins, Alves e Delgado (2009) acreditam que o professor se torna um colaborador que partilha conhecimento com os alunos, enfatizando a importância do aprendizado ativo.

Embora possam surgir situações imprevistas, a necessidade de reelaborar conhecimentos força o professor a abandonar a acomodação e embarcar em um processo de desequilíbrio. Esse movimento não apenas o ajuda a crescer profissionalmente, mas também enriquece a experiência de aprendizagem dos alunos, promovendo um ambiente mais dinâmico e interativo. Assim, Pereira, Martins, Alves e Delgado (2009) alegam que ao estimular a curiosidade e a investigação, o professor contribui de maneira significativa para o desenvolvimento intelectual e crítico dos seus alunos.

A abordagem proposta por Dewey, citada na literatura de Nascimento e Silva (2012), transforma o ensino e a aprendizagem em experiências mais significativas,

uma vez que o professor parte da vivência dos alunos, utilizando elementos concretos e relevantes para sua realidade. Esse rompimento com os modelos tradicionais, em busca de inovação na aprendizagem, valoriza a perspectiva do estudante, promovendo uma formação integral que o capacita a ser crítico e a conviver em sociedade.

Entretanto, é possível observar que muitos professores, embora conheçam os princípios da "Escola Nova", ainda mantêm práticas pedagógicas tradicionais que posicionam o aluno como um sujeito passivo. Nascimento e Silva (2012) acreditam que esta continuidade nas metodologias convencionais pode ser atribuída ao conforto e à familiaridade que essas práticas oferecem aos educadores, dificultando a mudança necessária para um ensino mais dinâmico e participativo.

Dewey tem uma contribuição significativa para o sistema educacional contemporâneo, enfatizando a importância de compreender os interesses reais dos alunos. Ao descobrir e valorizar essas motivações, os educadores podem desenvolver atividades que estimulem a autonomia, a criticidade e a liberdade dos alunos. A educação deve, portanto, para Nascimento e Silva (2012), promover métodos que despertem a curiosidade e a investigação reflexiva. Além disso, é fundamental que os professores repensem suas práticas e busquem formações pedagógicas que os capacitem a adotar novas técnicas. Essas formações podem equipá-los melhor na tarefa de auxiliar os alunos na construção do conhecimento, contribuindo para um aprendizado e também necessário para o desenvolvimento integral dos estudantes em um mundo em constante mudança.

ABORDANDOS OS PROJETOS

Buss e Mackendanz (2017) acreditam que atualmente o ambiente escolar enfrenta uma grave crise. Observa-se que os professores estão exaustos e desmotivados, o que gera um clima de pessimismo que pode resultar em elevado estresse, impactando diretamente a dinâmica da sala de aula. Os autores ressaltam que não há uma única causa para essa situação, mas diversos fatores que contribuem para ela, tais como a desvalorização do profissional da educação, a falta de investimentos e a adoção de metodologias ineficazes que não atendem às necessidades dos alunos.

Outro ponto abordado por Buss e Mackendanz (2017) é que os professores não devem se restringir apenas à metodologia da aula expositiva. Embora essa abordagem tenha seu valor, os alunos que não conseguem aprender por meio dela tendem a se sentir desmotivados, resultando em uma atmosfera monótona na sala de aula.

Os autores sugerem que o ensino baseado em projetos representa uma alternativa viável à aula expositiva, podendo se revelar uma estratégia didática eficaz que estimula o engajamento dos alunos.

Ao trabalhar com projetos, o aluno se torna o centro do processo de aprendizagem, aprendendo na prática e assumindo a responsabilidade pelo que está desenvolvendo. Em relação a metodologia por projetos, segundo Leonardo (2022), garante que a criança tenha a sensação de ser protagonista em sua aprendizagem, motivando uso de método de pesquisando, criando conhecimento, já que a metodologia ativa é responsável por garantir aos alunos o pensar de modo construtivo e interativo.

Berbel (2011) e Leonardo (2022) enfatizam que, entre as metodologias ativas, o trabalho com projetos se destaca, especialmente na educação básica, pois pode ser integrado à interdisciplinaridade. Essa abordagem contribui para combater a artificialidade do ambiente escolar, uma vez que os resultados obtidos pelos estudantes por meio dos projetos têm o potencial de transcender os limites da escola, promovendo uma conexão mais significativa com o mundo exterior. A autora ressalta que o desenvolvimento de um projeto passa por quatro fases:

O projeto passa, segundo os autores, por quatro fases distintas: 1ª – a intenção – curiosidade e desejo de resolver uma situação concreta, já que o projeto nasce de situações vividas; 2ª – a preparação – estudo e busca dos meios necessários para a solução, pois não bastam os conhecimentos já possuídos; 3ª – execução – aplicação dos meios de trabalho escolhidos, em que cada aluno busca em uma fonte as informações necessárias ao grupo; 4ª – apreciação – avaliação do trabalho realizado, em relação aos objetivos finais. Afinal, a literatura, as informações do professor e os dados da realidade confirmam as hipóteses do projeto? Que outros subprojetos podem surgir do mesmo? (Berbel (2011) p. 31)

Ao adotar a metodologia de trabalho com projetos, os educadores promovem um ambiente onde os alunos não são meros receptores de informações, mas sim protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem. Essa mudança de

paradigma implica na formação de um espaço escolar mais colaborativo e dinâmico, onde a curiosidade natural dos alunos é alimentada e incentivada.

Para Santos, Medeiros e Meroto (2024) o desenvolvimento de projetos proporciona uma oportunidade para que os estudantes explorem temas relevantes e de interesse pessoal, tornando o aprendizado mais significativo. Eles têm a chance de aplicar teorias em situações práticas, resolver problemas reais e desenvolver habilidades críticas, como colaboração, comunicação e pensamento crítico. Além disso, o feedback contínuo entre o professor e os alunos contribui para uma compreensão mais profunda do conteúdo, permitindo ajustes e evolução nas abordagens utilizadas.

Esse modelo também ajuda a cultivar um ambiente de respeito mútuo e valorização das ideias, onde cada contribuição é considerada importante. Os alunos se sentem mais à vontade para expressar suas opiniões e fazem perguntas que podem enriquecer a discussão. Santos, Medeiros e Meroto (2024) indicam portanto que o papel do professor é guiar esse processo, proporcionando as ferramentas necessárias, facilitando a pesquisa, promovendo discussões e incentivando o pensamento reflexivo.

Além disso, projetos interdisciplinares, como sugerido por Berbel (2011), ajudam a conectar diferentes áreas do conhecimento, permitindo que os alunos vejam a relevância e a interconexão entre os conteúdos estudados. Isso também pode levar os alunos a desenvolver uma visão mais holística e crítica da realidade, encorajando-os a se tornarem cidadãos mais conscientes e informados.

Portanto, a metodologia de ensino por meio de projetos não apenas enriquece a experiência educacional, mas também prepara os alunos para os desafios futuros, equipando-os com habilidades e conhecimentos necessários para o mundo em constante mudança que os aguarda. Ao estimular a autonomia, a criatividade e o trabalho em equipe, essa abordagem se torna uma ferramenta poderosa na formação de indivíduos preparados para pensar criticamente e agir de forma proativa em suas vidas pessoais e profissionais.

Em sua natureza, a pedagogia de projetos sugere romper com as formas metodológicas tradicionais de organização curricular. Sua concepção básica inverte a lógica hegemônica escolar, derruba a organização característica do currículo e da maior parte dos livros didáticos e abusa da

criatividade e do planejamento dos professores. O ensino através de projetos permite a abertura de uma real perspectiva de diálogo entre o professor e os alunos, permitindo que estes construam sua própria aprendizagem enquanto sujeitos ativos, autônomos, criativos e responsáveis. Prado (2005) também compartilha essa ideia: “na pedagogia de projetos, o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento” [...] (Buss e Mackendanz, 2017, p.127)

De acordo com Lacher (2019) e Coguiec (2016), o objetivo do ensino por meio de projetos é erradicar a passividade dos alunos em sala de aula, inaugurando uma relação dialética entre professores e estudantes. Ao analisarmos o método tradicional em contraste com as metodologias ativas, particularmente a abordagem de projetos, é possível observar que ambos ainda dependem da figura do professor. A diferença primordial reside no papel desempenhado por esse educador: no modelo tradicional, ele se configura como o detentor exclusivo do conhecimento, enquanto no ensino por projetos, o professor assume a posição de mediador, promovendo o protagonismo do aluno nesse processo de aprendizagem.

Esse modelo metodológico representa um significativo desafio, uma vez que o conhecimento se revela imprevisível e demanda investigação aprofundada e tempo dedicado à pesquisa. Nesse contexto, Leonardo (2022) acredita que o professor torna-se um coordenador, e os alunos, os agentes de sua própria aprendizagem, o que implica uma tomada de decisão compartilhada. Tal dinâmica é, indubitavelmente, um desafio a ser superado.

Buss e Mackendanz (2017) ressaltam que essa abordagem pretende levar os alunos para além da sala de aula, despertando o interesse por ambientes como bibliotecas, pátios, quintais e laboratórios. No entanto, aqueles que mantêm uma visão tradicional da educação podem enxergar essas atividades como uma “falta do que fazer”. É comum que observadores com essa mentalidade considerem a aula de colegas como um “caos total”, interpretando o movimento e a exploração dos alunos como uma distração, em vez de reconhecê-los como partes integrantes do processo de aprendizagem.

Um aspecto fundamental destacado pelos autores é a importância do produto final do projeto, que serve como um indicador do aprendizado dos alunos; assim, a avaliação adquire uma natureza contínua. Hernandez e Ventura, (1998 apud Buss e Mackendanz, 2017) ressaltam que é crucial esclarecer que a comunidade escolar

deve evitar críticas ao modo de avaliação utilizado pelo professor, pois esta não se alinha às práticas formais tradicionais às quais estão acostumados. Ao contrário, essa nova forma de avaliação reflete o dinamismo e a diversidade do processo de aprendizagem promovido pelas metodologias ativas.

Buss e Mackendanz (2017) destacam 3 etapas do projeto para obter melhores resultados. Visando sempre a garantia de resultados esperados, os autores destacam 3 características que um projeto precisa ter. O de número 1 relaciona-se diretamente com o tema, na busca pelo ponto inicial de partida para um ensino intermediado por um projeto. Existe a necessidade de respeitar a etapa da escolaridade dos alunos, seus níveis, sugerindo assim que o tema seja selecionado a depender do currículo, ou então do que denomina-se uma experiência comum da sala, fatos da atualidade, assunto selecionado pelo profissional, entre outros. Este primeiro passo precisa considerar o fato de que o tema terá importância no crescimento de cada indivíduo, além de sua relevância. Do mesmo modo, ainda segundo os autores anteriormente citados, é importante que os alunos possam ter um arcabouço de experiências antigas em relação ao trabalhar com projetos. Caso não exista ainda resquícios de trabalhos semelhantes, é preciso antes que os mesmos possam ter uma referência da metodologia com o exemplo de outras turmas, ou então por métodos alternativos como vídeos, ou relatos. É preciso que entendam as experiências vindouras.

Para um bom andamento metodológico é preciso que o docente tenha entendimento de todas suas ações e atividades. Ainda nesta segunda etapa, existem itens que precisam ser acompanhados pelo coordenador da atividade, como especificar e até ter clareza de como serão todos os processos de condução na condução do projeto, de modo a alcançar objetivos propostos, muito além de apenas instrumentos imediatos ou então a limitação aos atributos informativos. É preciso prever atividades e conteúdos, tendo entendimento da segurança das fontes de informação, atualizações relacionadas ao tema de modo a avançar, para que os alunos possam constituir e basear seus conhecimentos partindo de dados e novidades que constituem o projeto, mantendo atenção do aluno no decorrer, envolvendo o grupo para que aprendam não apenas coletivamente, mas também individualmente. Neste aspecto, é importante lembrar de ponderar os recursos, sabendo que neste tipo de atividade a avaliação poderá ter nuances diferentes do tradicional, por isso indica-se recapitulação para que ninguém perca a visão geral ou global do projeto.

Mencionando outra peculiaridade da metodologia em questão, relaciona-se ao compromisso e também ao papel dos alunos.

Por fim, tratando a terceira característica, Lacher (2019) e Coguiec (2016) acreditam que os alunos possuem determinadas funções, como a produção de cronogramas, ou índice pessoal de trabalho, de modo a planejar administração de tempo para investir, procedimentos, recursos e as atividades. O cronograma auxilia na visão geral do trabalho, será um instrumento não apenas de compromisso, como também de avaliação. É preciso avaliar confiabilidade das fontes de dados coletados, elencar o conhecimento que será indicado para o perfeito andamento do projeto.

Baseando-nos nisto, estes passos servem para tratamento coletivo ou individual dos dados partindo das fontes consultadas, cumprindo assim o proposto no cronograma, apresentando conclusões no formato selecionado, por apresentação oral, produtos finais e até dossiês. É indicado o destaque do fato de que em toda e qualquer atividade relacionada com o aprender, precisa ter a avaliação como parte do processo.

É possível observar que essa metodologia impulsiona significativamente o conhecimento dos alunos; no entanto, surge a questão: onde realizar o registro desse aprendizado?

Método

A metodologia da presente pesquisa, primeiramente seguiu a revisão integrativa de literatura, de natureza descritiva, com abordagem quali quantitativa, de artigos nacionais e internacionais, de modo a embasar a importância da ludicidade, metodologias ativas.

Considerando a necessidade de contrariar a exclusividade de ação intelectual do docente e as representações de livros didáticos com o uso das metodologias ativas, na segunda parte da presente pesquisa de trabalho, desenvolveu o projeto denominado “As aventuras de BOB”, que por meio da pesquisa de campo buscou aplicar e avaliar o projeto com a maleta, contendo instrumentos de avaliação como o caderno de bordo.

Fortalecendo a menção metodológica ativa, menciona-se a definição de Pereira (2012):

Por Metodologia Ativa entendemos todo o processo de organização da aprendizagem (estratégias didáticas) cuja centralidade do processo esteja, efetivamente, no estudante. Contrariando assim a exclusividade da ação intelectual do professor e a representação do livro didático como fontes exclusivas do saber na sala de aula (Pereira, 2012, p.6).

A pesquisa seguirá a filosofia da metodologia ativa, a qual garante variedade mais ampla de formatos pedagógicos, atividades, propostas de aula, entre outros, ampliando assim as possibilidades de atuação do professor.

Resultados e discussão

O primeiro passo foi investigar os gêneros textuais que estão sendo abordados no currículo de 2024 para o 2º ano, havendo uma variedade considerável, incluindo receitas, instruções de montagem, contos de fadas, histórias em quadrinhos, narrativas, canções, entre outros. Em seguida, buscou-se a melhor forma de enviar esses gêneros para a casa dos alunos.

Em um dia de criatividade nasceu a ideia de criar uma maleta didática em forma de cachorro, similar a um pug (uma raça de cão de porte pequeno, de focinho achatado e cauda enrolada), que abrigaria todos os gêneros literários. Além disso, confeccionamos um fantoche de cachorro para acompanhar as crianças em suas atividades pedagógicas e divertidas em casa. Em uma roda de conversa realizada em sala de aula, estabelecemos um pacto: ninguém poderia abandonar o Bob em prol do uso do celular ou de TVs. Propomos que todos se divertissem em atividades ao ar livre, como andar de bicicleta, ir ao parque, visitar a praça, passear de carro e até comprar pão, tudo isso na companhia do Bob.

O aspecto mais importante, ressaltado durante a conversa, foi que Bob deveria ler um gênero textual junto às crianças, e todos concordaram entusiasmamente. Para registrar as leituras realizadas em casa, desenvolvemos um caderno de bordo visualmente atrativo e didático, intitulado "As Aventuras de Bob". Cada criança recebeu duas folhas: uma destinada à colagem de fotografias com Bob (opcional) e a outra para desenhos e para a escrita de uma frase divertida (obrigatória).

Conforme o apresentado nos registros logo abaixo, há o a maleta do projeto "As aventuras de Bob", contendo modelos de cada gênero literário, além do fantoche do cachorro pug e o caderno:

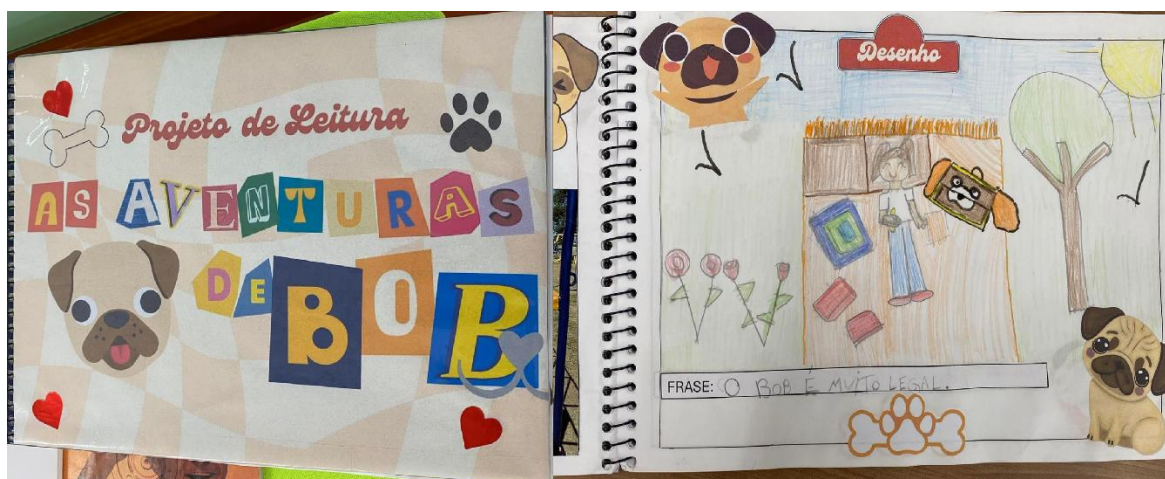
Figura 1 – Conteúdo da maleta “As aventuras de Bob”



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

#paratodosverem: Uma imagem. Fotografia contendo maleta e conteúdo do projeto “As aventuras de Bob”, com o exemplar de cada gênero literário, além de um fantoche de cachorro e um caderno de registro na parte superior direita.

Figura 2 – Caderno de Leitura “As aventuras de Bob”.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

#paratodosverem: Duas imagens contendo o caderno de registro. Imagem esquerda contendo capa, imagem direita contendo o desenho e a frase desenvolvida por um dos alunos participantes.

Figura 3 – Interação de aluno com o projeto “As aventuras de Bob”.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

#paratodosverem: Duas imagens. Imagem esquerda contendo uma aluna levando a maleta para a casa. Imagem direita contendo uma interação inspirada no modelo do gênero literário escolhido pelo aluno, interagindo com o fantoche.

Figura 4 – Interação de aluno com o projeto “As aventuras de Bob”.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

#paratodosverem: Duas imagens. Imagem esquerda contendo uma aluna interagindo com Bob em um parque. Imagem direita contendo um aluno interagindo com o Bob em sua escolha de um exemplar de receita.

Caderno de bordo

Para a formalização do projeto, é necessário um documento que registre as atividades desenvolvidas. Para esse fim, optou-se pelo uso de um caderno de bordo.

Lacher (2019) salienta que, ao longo dos anos, o ser humano tem buscado registrar suas experiências, iniciando desde a era das cavernas, quando eram feitos desenhos nas paredes que ilustravam suas vivências. Pode-se afirmar que, até os dias atuais, permanecem vestígios de aprendizado que podem ser considerados registros documentais de acontecimentos passados.

De acordo com o autor, o diário de bordo está intrinsecamente ligado ao processo de criação e ao delineamento do ensino e da aprendizagem, pois reflete as práticas pedagógicas. Lacher (2019) observa que o diário de bordo é pouco utilizado nas metodologias tradicionais de ensino em sala de aula. Essa realidade é lamentável, uma vez que se trata de uma ferramenta valiosa para os educadores, permitindo o registro do desenvolvimento de eventos e servindo como uma documentação do processo de ensino-aprendizagem.

Éric Le Coguiec, em seu artigo “Ficção, diário de campo e pesquisa-criação” (2016), ao se referir ao diário de bordo a partir da nomenclatura diário de campo, frisa que este suporte sempre mescla em sua constituição realidade e ficção, atuando esta última “não como objeto de estudo, mas como objeto praticado pelo pesquisador” (Coguiec, 2016, p.32). Sendo um recurso que documenta o vivido e/ou o imaginado, o diário de bordo tem a memória como elemento que o constitui, e que possibilita ao mesmo não ser apenas um registro de dados ordinários, ou fatos, mas também uma espécie de reordenação do acontecido e/ou imaginado, exprimindo as reflexões subjetivas desencadeadas pelas vivências e pela imaginação de um artista, que se torna autor (Lacher, 2019, p 5).

Para o autor, os registros contidos no diário de bordo oferecem uma linguagem que se revela bastante acessível, tanto na contemporaneidade quanto na

época em que foram elaborados. Lacher (2019) discute algumas potencialidades observadas neste instrumento, as quais delinearemos a seguir:

Uma das principais potencialidades pedagógicas do diário de bordo é a possibilidade de vivência proporcionada ao aluno, uma vez que há um diálogo constante entre a criação e o criador (o aluno). Esses registros de aprendizagens contribuem para uma melhor compreensão no futuro.

O autor também destaca outra potencialidade: a avaliação. As experiências dos alunos, sob as perspectivas de ensino e aprendizagem — que incluem aspectos factuais, procedimentais, conceituais e atitudinais — permitem à criança acumular uma riqueza de experiências. Nesse contexto avaliativo, o professor é capaz de analisar o aluno de uma forma global, colaborando assim para uma experiência coletiva em sala de aula.

Outra potencialidade do diário de bordo é sua utilidade como fonte de pesquisa, seja para investigações pedagógicas, acadêmicas ou artísticas. Os registros realizados estimulam outras pessoas, oferecendo materiais vividos que funcionam como fontes pedagógicas. Podem ser considerados como uma rica fonte de aprendizado, pois os registros se transformam em um material experiencial que pode ser compartilhado.

Um aspecto de grande relevância que o autor ressalta é a usabilidade do diário de bordo, que se insere no processo de ensino e aprendizagem. Este documento representa um processo de experiência de aprendizado elaborado pelos próprios alunos, contribuindo para a construção de sua autonomia e proporcionando uma frutífera investigação com vistas a novas criações e à aquisição de novos conhecimentos.

Em síntese, o projeto e o diário de bordo estão entrelaçados dentro das metodologias ativas, promovendo melhores aprendizagens.

Considerações finais

O projeto "As Aventuras de Bob" se apresenta como uma proposta transformadora para o incentivo à leitura, unindo elementos lúdicos e pedagógicos de forma harmoniosa. Ao criar uma maleta didática em forma de cachorro que abriga diversos gêneros textuais, juntamente com um fantoche e um caderno de bordo para

registrar as aventuras, o projeto busca despertar o interesse das crianças pela leitura desde a infância. A inclusão de um componente lúdico, como a fantasia do cachorro Bob, é essencial para envolver as crianças de forma divertida e dinâmica. Ao acompanhar Bob em suas aventuras, como andar de bicicleta, brincar no parquinho e, claro, ler os gêneros textuais, as crianças se sentem motivadas a criar suas próprias narrativas e explorar diferentes universos literários

Além disso, o projeto tem um caráter inclusivo, podendo ser adaptado para crianças com diferentes capacidades. Ao considerar as singularidades de cada criança, “As Aventuras de Bob” busca abranger um público amplo, garantindo que todos possam encontrar seu espaço dentro do universo da leitura

Ao despertar o interesse pela leitura desde a infância, espera-se cultivar não apenas leitores proficientes, mas também amantes da literatura, que carregam consigo a magia das palavras para toda a vida. O projeto pretende ir além de uma atividade educacional simples, além de criar uma experiência específica que motiva as crianças a explorar o vasto universo literário.

Em suma, “As Aventuras de Bob” se apresentam como uma proposta inovadora e inclusiva, que utiliza a ludicidade como ferramenta para promover a leitura de forma prazerosa e significativa. Ao integrar elementos visuais, interativos e adaptáveis a diferentes necessidades, o projeto busca transformar a relação das crianças com a leitura, fomentando o desenvolvimento de habilidades essenciais para sua formação integral.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001.

BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas. Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BUSS, C. S.; MACKEDANZ, L. F. O ensino através de projetos como metodologia ativa de ensino e de aprendizagem. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 3, p. 122–131, 2017. DOI: 10.15536/thema.14.2017.122-131.481.

DE CARVALHO LARCHER PINTO, L. O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 100–111, 2019. DOI: 10.14393/OUV24-v15n1a2019-7.

LEONARDO, S. M. S. **Metodologia na Educação Infantil: Contribuição acerca do desenvolvimento integral da criança**. Gama: UNICEPLAC. 2022.

NASCIMENTO, E. G. A.; SILVA, A. B. **Avaliando as ideias de John Dewey introduzidas na Educação Brasileira**. XI Encontro Cearense de História da Educação / I Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação. Repositório UFC. RIUFC – 24729, V1, 2012.

PEREIRA, E. A; MARTINS, J. R.; ALVES, V. dos S. e DELGADO, E. I. – A contribuição de John Dewey para a Educação. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.3, no. 1, p. 154-161, mai. 2009.

PEREIRA, . **Método Ativo: Técnicas de Problemática da Realidade aplicada à Educação Básica e ao Ensino Superior**. In: VI Colóquio internacional. Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão, SE. 20 a 22 setembro de 2012

SANTOS, S. M. A. V.; MEDEIROS, J. M.; MEROTO, M. B. N. **Práticas pedagógicas inclusivas e tecnologias.** - 1. ed. -- São José dos Pinhais, PR: Editora Contemporânea, 2024.